

## O QUE PODE O CINEMA NA ESCOLA?

Gilberto de Carvalho Soares<sup>1</sup>

### Resumo

No 9º ano do Colégio Notre Dame, o cinema é parte do currículo, pelo *Projeto Oscar*, centrado em Espanhol, propondo a adaptação de obras do cinema de massa americano, com atividades de roteirização, produção e marketing. Em Geografia, componente em que as imagens acompanham a didática, identificamos a necessidade de desenvolver a análise crítica da linguagem cinematográfica, ampliando o repertório e capacidade de interpretação dos fenômenos do mundo. A cada trimestre, foram escolhidos filmes articuladores do currículo formal de Geografia, através da perspectiva do trabalho com dispositivos, que propõe construções abertas de imagens e a ressignificação de espaços cotidianos, desnaturalizando sentidos. Iniciamos com um filme mais próximo dos alunos, que explora a metalinguagem cinematográfica – *A invenção de Hugo Cabret*, de Martin Scorsese. No segundo trimestre, propusemos um filme de Wim Wenders - *Tokyo Ga* –, em que o diretor alemão viaja a Tóquio para explorar a vida do cineasta Ozu. No terceiro trimestre, a experiência deu-se com *Koyaanisqatsi*, de Godfrey Reggio, em que o único diálogo é com o espectador, através da sucessão de ritmos e cenas. O desafio deste filme nos impulsionou a propor a exibição no Cine Belas Artes, patrimônio histórico da cidade. A cada experiência, os alunos pesquisaram a biografia do diretor, associando-a com seus lugares de vida, e recorreram à memória afetiva para discutir a relação entre as escolhas do diretor e a mobilização dos afetos. Por fim, realizaram resenhas, *storyboards* e produção de vídeos, em que os conceitos de Geografia se tornaram intercessores da criação. Cada nova etapa era resultado das construções anteriores, permitindo ampliações na zona de desenvolvimento proximal dos jovens. Este trabalho tem como referenciais, em filosofia, Deleuze & Guattari, em pedagogia Vygotsky, Freire e Rancière, em didática, Oliveira Jr., em Geografia, Massey e Santos e em cinema, Xavier, Bergala e Migliorin.

**Palavras-chaves:** cidadania; cinema; subjetividade.

### Considerações iniciais

*Em meio de certos filmes, nos quais o desenvolvimento forçado de fantasias sádicas ou delírios masoquistas pode impedir o amadurecimento natural e perigoso destes nas massas. A risada coletiva representa a erupção prematura e saudável de tal tipo de psicose de massa. A enorme quantidade de acontecimentos grotescos consumidos no cinema é um indício drástico*

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação pela FE/UNICAMP, professor de Geografia dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio e professor de Geografia do colégio Notre Dame, no 9.º ano e no ensino médio. E-mail: [gilbertosoares@colegionotredame.com.br](mailto:gilbertosoares@colegionotredame.com.br)

*dos perigos que ameaçam a humanidade, resultantes das repressões que a civilização carrega consigo. (BENJAMIN, W.)*

A epígrafe foi escrita por Walter Benjamin na Alemanha de 1936, ano das Olimpíadas de Berlim, quando a propaganda nazista atingia seu ápice. Dois anos depois, ocorreu a violência antissemita da Noite dos Cristais e, três anos depois, a Segunda Guerra Mundial, com seus campos de concentração. A industrialização já era uma realidade e com esta as mudanças sociais que lhe são peculiares, associadas à mecanização da produção, à alienação do trabalho e à urbanização. O cinema surgira cerca de 40 anos antes, na França, como parte deste contexto industrial. A imagem deixara de ser efêmera para ser reproduzida em massa e sua produção passou a se dar mediada pelo aparato tecnológico da câmera.

Estas condições transformaram a relação das pessoas e do cotidiano com o mundo. A alienação em relação ao processo de produção imagético faz com que os limites entre a realidade e o representado se confundam. Este processo é muito evidente na escola, quando as imagens se tornam um poderoso instrumento didático, em especial, nas aulas de Geografia, permitindo o contato dos estudantes com paisagens distantes de seu cotidiano, embora, muitas vezes, sem questionar o seu processo de criação. A imagem do Cerrado confunde-se com o Cerrado. A imagem da Europa confunde-se com a Europa. A imagem da pobreza confunde-se com a pobreza, eliminando nuances e movimentos que constituem o real. Assim, em um mundo marcado pelas redes sociais, incorporar a análise dos discursos por imagens torna-se uma urgência na construção dos currículos escolares.

### **Justificativa**

Como toda ação pedagógica, o trabalho com cinema demanda uma reflexão ética e a clareza de intencionalidade, de forma a permitir que o contrato didático se estabeleça e a aprendizagem ocorra de forma significativa e consistente, como nos alerta Paulo Freire, ao afirmar que

Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. (FREIRE, 1996, p. 18).

O *Projeto Oscar*, do 9º ano do Colégio Notre Dame, tem em sua essência o compromisso ético com a comunicação e a criação, utilizando como meios o cinema e a língua espanhola. Ademais, como toda ação é geograficamente localizada, o fato de a proposta centrar-se em obras premiadas do cinema hollywoodiano nos permite dialogar com outras formas de fazer cinema e, através desta, pensar outras maneiras de ser-estar no mundo, posicionando as obras de massa e industriais de Hollywood como uma das possibilidades de sétima arte, nem melhor e nem pior, mas geograficamente localizada e a serviço de um conjunto de sistemas de ações e de sistemas de objetos, mediados pela técnica, como nos ensinou Milton Santos, sobre o Espaço Geográfico.

Além disso, se queremos uma educação que permita aos jovens experiências que desenvolvam funções de empatia, solidariedade e autonomia, escapar do cinema único é fundamental, para que estimulemos mais a mobilidade do que a imobilidade, mais a vida do que a morte. Assim, trazer o cinema para as aulas de Geografia é potencializar uma perspectiva de Espaço desarticulado, como nos alerta Doreen Massey:

O espaço tem sido interpretado por muitos como apolítico porque ele é conceituado como um todo sem costuras, como um sistema totalmente fechado interconectado de uma estrutura sincrônica. Não é desarticulado, e a "desarticulação é a fonte da liberdade". (Laclau, 1990, p. 60). É a falta na contingência que é a condição daquela abertura que, por sua vez, é a pré-condição da política. Além disso, essa visão de coerência do espaço, por sua vez, permite a existência de apenas uma história, uma voz, uma posição do discurso. A herança, para o espacial, foi, assim, sombria. (MASSEY, 2015, p. 71).

## **Metodologia**

Estar em sala de aula é criar geografias. Para mais, se o espaço é desarticulado e aberto, assumir o compromisso de educar demanda um esforço de articulação daquelas histórias-até-ali que se encontram na sala de aula, trazendo à tona o caráter político do ato de educar, já que a maneira como lidamos com estas desarticulações demanda uma reflexão ética. Em outros tempos, a violência era o instrumento articulador dos corpos em torno do professor. Hoje, a violência da palmatória ainda pode estar presente nos instrumentos de punição, incluindo a avaliação, ou seja, muda-se a forma, mas não a ética subjacente, no caso, aquela que coloca como valor secundário a integridade e a liberdade do indivíduo.

Neste sentido, o filósofo Rancière nos ajuda a pensar em sala de aula, através da experiência de Jacotot, professor exilado nos Países Baixos pelas guerras napoleônicas e que se vê diante de uma turma que não sabe nada de francês, e este, nada de Dutsch. A saída foi buscar um objeto em comum a ser explorado, um livro que houvesse a publicação nas duas línguas e, diante da própria ignorância, desenvolver um método de ensino-aprendizagem. A desarticulação entre professor e alunos foi a potência que permitiu que a aula acontecesse e o saber estava no desconhecido do objeto a ser estudado. Assim deve ser o trabalho com imagens: um desconhecido a ser estudado, que traz um saber intrínseco.

O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) de Vigotsky nos ajuda a pensar o currículo e as atividades a serem desenvolvidas, já que “a Zona de Desenvolvimento Proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão, presentemente, em estado embrionário” (VYGOTSKY, 1984, p. 97). Estas funções não amadurecem exclusivamente de forma natural. Os estímulos e experiências são fundamentais para que elas se realizem. Lidar com as imagens de forma autônoma e crítica é uma destas funções, em sincronia com a competência 4 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Geografia.

Assim, se, no *Projeto do Oscar*, estão lidando com o cinema de Hollywood, alguns elementos desta forma de cinema emergem, nos dizeres de Xavier (2018, p. 41):

Tudo neste cinema caminha em direção ao controle total da realidade criada pelas imagens - tudo composto, cronometrado e previsto. Ao mesmo tempo, tudo aponta para a invisibilidade dos meios de produção desta realidade. Em todos os níveis, a palavra de ordem é “parecer verdadeiro”; montar um sistema de representação que procura anular a sua presença como trabalho de representação.

Desta forma, iniciamos o trimestre com a exibição do filme *A invenção de Hugo Cabret*, de Martin Scorsese, um cineasta hollywoodiano que busca os limites dentro da lógica deste cinema, explorando a câmera acompanhando o movimento do ator, imagens congeladas e a câmera lenta. Scorsese trabalha nos limites desta lógica naturalista do cinema americano e, neste filme, o cinema é parte da própria narrativa e cria o contexto para exibir o clássico *Voyage dans La Lune*, de Georges Méliès,

personagem do filme de Scorsese e responsável pelos primeiros filmes de ficção da história do cinema.

Em paralelo, discutimos em sala a escolha dos filmes para o Oscar, salientando a definição de um estilo de produção de cada grupo, já que a simples reprodução dos filmes geraria trabalhos pouco complexos e de baixa qualidade, postos os limites técnicos e de tempo em relação ao filme original.

No segundo trimestre, trabalhando no currículo central sobre o continente asiático, avançamos um pouco mais na experiência cinematográfica, com a exibição do filme *Tokyo Ga*, quando o diretor Wim Wenders, reconhecido cineasta europeu, segue para uma pesquisa em Tóquio, no Japão, sobre um dos seus cineastas favoritos – Ozu. Nas caminhadas do diretor pela metrópole japonesa, este narra as dificuldades e mudanças de planos em relação à captação de imagens, como quando desiste de visitar a Disney japonesa e segue para um parque público, onde encontra grupos de adolescentes ensaiando músicas clássicas do cinema americano, ou explora as diferenças de imagem em relação às câmeras que utiliza e aquelas exploradas por Ozu. Foi uma experiência de cinema cansativa e diferente e, por isso, exibida em sala de aula.

Deste filme, os alunos e alunas foram estimulados a criar um storyboard, com uma narrativa semelhante à de Wenders, a partir do diretor do filme escolhido para o *Projeto do Oscar*, que deveria ir em busca de um diretor asiático, colocando nas imagens os elementos físicos e culturais tradicionais do local visitado, bem como as transformações deste local em sua relação com o processo de globalização.

Por fim, no último trimestre, com a finalização do *Projeto Oscar* e o currículo de Geografia discutindo o aquecimento global e a geopolítica do petróleo, optamos pela exibição do longa-metragem experimental *Koyaanisqatsi*. Uma experiência de cinema totalmente diferente das duas outras, já que a narrativa se faz a partir da sucessão de imagens, sem diálogos ou personagens humanizados, trabalhando com a câmera parada ou em movimento, levando o espectador do tédio frente à sucessão lenta das imagens de paisagens naturais até a vertigem de uma câmera subjetiva em meio ao caos urbano.

Dada a peculiaridade e distanciamento deste filme em relação ao cinema americano, levamos os estudantes para uma exibição no Cine Petra Belas Artes, tombado pelo patrimônio histórico e de grande relevância no circuito de cinema paulistano.

Ao final do trimestre, os alunos e alunas foram provocados a construir uma resenha crítica do filme, relacionando-o aos conteúdos do trimestre – aquecimento global, Oceania e Polos.

Cada um destes filmes era acompanhado de um roteiro em que os jovens tinham que valorar o filme em relação à fotografia, música, enredo e espaço fílmico; fazer uma pesquisa sobre a biografia do diretor, identificar o sentimento que tiveram em duas das cenas do filme e relacioná-lo às escolhas de fotografia do diretor. Esta atividade permite que coloquemos no centro da discussão mais a imagem do que as ilustrações que o filme permite em relação ao currículo formal de Geografia, sem desconsiderar as particularidades de cada jovem e fazendo emergir as diferentes histórias-até-ali da sala de aula.

### **Resultados obtidos**

A avaliação do trabalho realizado com cinema na turma do 9.º ano foi bastante positiva, refletindo-se na melhora da qualidade dos filmes do *Projeto Oscar* em relação aos anos anteriores, na maior vinculação dos alunos com o projeto da série e no desenvolvimento das funções de crítica em relação às imagens que consomem e à significação dos conteúdos de Geografia.

A experiência diversificada de assistir cinema na escola (em casa, como tarefa, na sala de aula e na sala de cinema) também enriqueceu muito o trabalho, permitindo articulações com conteúdos de outras séries e preparando os discentes para o ensino médio através de uma maior autonomia criativa e da apropriação crítica dos conteúdos.

### **Considerações finais**

Para os próximos anos letivos, este trabalho deve ser aprofundado, mantendo a escolha gradativa de filmes, partindo do clássico de Scorsese e de filmes que incorporem a metalinguagem, a fim de deslocar a relação dos alunos com cinema da perspectiva naturalista do cinema hollywoodiano para a perspectiva de cinema como expressão cultural e artística.

Este processo alinha-se com a proposta pedagógica do colégio Notre Dame e torna vivo o carisma das Irmãs Azuis, sintetizado na frase “Deus Só”, ao humanizar a experiência do cinema e abrir as possibilidades criativas e de empatia através da produção e do consumo de imagens.

Outro ponto a ser ampliado é a experiência de cinema em espaços consolidados da metrópole paulistana, para além dos cinemas de *shopping*, estimulando a cidadania e permitindo novas articulações com outros componentes curriculares, para além de Espanhol, Língua Portuguesa e Geografia, mais relacionados com o Oscar.

## Referências

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: Zouk editora, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa*. 23ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MASSEY, Doreen. *Pelo Espaço - uma nova política da espacialidade*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço - técnica e tempo, razão e emoção*. Campinas: Hucitec, 1997

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. 6.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico - opacidade e a transparência*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018

Filmografia citada

A INVENÇÃO DE HUGO CABRET. Direção de Martin Scorsese. GK Films/Infinitum Nihil, 2011.

TOKYO GA. Direção de Wim Wenders, 1985.

KOYAANISQATSI - UMA VIDA FORA DE EQUILÍBRIO. Direção de Godfrey Reggio. Institute for Regional Education/American Zoetrop, 1982.

LA VOYAGE DANS LA LUNE. Direção de Georges Mèlies. Star Film Company, 1902.